



CUBA: UTOPIA?

Reinaldo Fleuri

Quando eu ouvia falar em Cuba, conseguia imaginar apenas um "lugar que não existe, um vazio no mapa do mundo". Me parecia mais "uma terra proibida", pois as poucas idéias que os meios de comunicação me passavam era o de um povo estrangeiro, submetido ao duro controle de um sistema opressor que impunha, sob armas, uma ordem social rígida, sem deixar qualquer margem à liberdade pessoal.

Esta imagem, parece mais ou menos, a mesma que os brasileiros, pela falta absoluta ou distorção das informações podem ter a respeito daquela ilha.

No início deste ano, tive oportunidade de visitar Cuba com uma comitiva que tinha objetivos estritamente culturais. Aliás, não é novidade que intelectuais, artistas, empresários brasileiros visitem Cuba. Até existe em São Paulo o centro "José Martí", que promove intercâmbio cultural com aquela nação. Minha primeira impressão forte foi a de encontrar um povo espontâneo, alegre, comunicativo e com características étnicas, históricas e culturais muito parecidas às nossas. Parecia-me ter encontrado um "povo-irmão" que antes não conhecia.

A medida que íamos tomando contato com aquele povo tão parecido, mas vivendo um processo histórico e social tão diferente do nosso em certos aspectos, fui percebendo que não era possível julgar aquela realidade com os nossos critérios. Não menos simplista seria querer transplantar mecanicamente experiências históricas daquele povo para o nosso contexto. Um trabalhador nicaraguense, uma vez, me disse, com razão: "Toda revolução é original: se não é original, não é revolução".

Ao mesmo tempo, vi nascer dentro de mim um respeito profundo pelo processo vivido pelo povo cubano, com todos os seus avanços e contradições. Passei a apreciar certos valores típicos dos povos latino-americanos, que ali emergem com muita clareza.

Estes sentimentos eram como reflexos do grande carinho que os cubanos têm para com o povo brasileiro. De fato, com muita frequência, ouvíamos no rádio ou televisão cantores brasileiros. As pessoas com quem conversei, entre outras coisas, comentavam animadamente o seriado "Malu, Mulher", que teve grande sucesso na TV cubana. Mostravam admiração por Regina Duarte que, naqueles dias, estava com toda sua família, visitando o país. Ao circular por vários lugares em Havana, senti-me absolutamente livre, seguro e acolhido com grande calor humano.

A REVOLUÇÃO CUBANA

Faz 25 anos que a revolução cubana, tendo vencido o ditador Batista, assumiu a tarefa de reconstruir o país, que se encontrava em situação calamitosa. O bloqueio que os EUA promoveu contra aquela pequena ilha (situada a pouco mais de cem quilômetros da Flórida e até então dependente em todos os aspectos dos EUA) criou dificuldades muito sérias. Mas prevaleceu a coragem e o esforço de um povo, disposto a dar a vida para defender seu processo de libertação.

Hoje, certos avanços sociais são evidentes: todos os cubanos têm acesso à educação escolar, que é pública e gratuita em todos os níveis. A assistência médica é garantida gratuitamente a todos, através de uma eficiente rede de assistência sanitária e hospitalar em todos os cantos do país (até os estrangeiros têm assistência médica gratuita durante o período de sua permanência).

O emprego é garantido para todos e o trabalho tornou-se o único meio de se ganhar a vida. A diferença entre o menor e maior salário é de seis vezes. Há um clima de grande segurança social: a gente pode andar por qualquer lugar ou beco, a qualquer hora do dia ou da noite, sem medo de ser agredido.

A alimentação básica é garantida a toda pessoa, através de um sistema de compra controlado através da "libreta", uma caderneta com qual se compra certa quantidade de produtos básicos a preço baixo. Com isso, por exemplo, se garante um litro de leite por dia a todo velho e toda criança. Os transportes coletivos embora cheios nas horas de pico, são bons, enquanto os carros particulares são precários e poucos.

Por outro lado, há uma certa carência de unidades habitacionais: às vezes, vários núcleos familiares dividem a mesma residência. Mas não há favelas. Está se desenvolvendo um programa de construção habitacional para suprir as necessidades de moradia. A construção de novas casas e prédios de apartamentos é feita por "micro-brigadas" (espécie de mutirão) de trabalhadores que serão os futuros moradores. E o "aluguel" não passa de seis ou dez por cento do salário do chefe da família.

Uma coisa que chama a atenção, também, é o grande desenvolvimento do turismo. Cuba é uma enorme ilha, com muitas belezas naturais e um patrimônio histórico riquíssimo, muito bem conservado. "La Habana Vieja", a parte mais antiga da cidade de Havana, que conserva todos os traços da colonização espanhola, está sendo totalmente restaurada com verba da UNESCO, que a declarou "patrimônio histórico da humanidade".

Uma boa rede de hotéis e infra-estrutura turística, garante aos muitos turistas vindos de todo o mundo boas condições para sua permanência no país e... uma significativa entrada de divisas. Neste aspecto, um fato chama a atenção: nos hotéis há lojas só para turistas, onde se vendem produtos importados, só em dólares. A variedade e o "luxo" destas lojas contrastam com a austeridade característica de toda a rede comercial normal.

Mas parece que os cubanos não vêem maiores problemas nesta contradição, uma vez que estão perfeitamente conscientes de que os turistas contribuem, com suas divisas, para o desenvolvimento social e defesa da revolução. De fato, todo turista é muito respeitado e bem acolhido por qualquer pessoa em Cuba.

Para quem vai a Cuba, aquela ilha deixa de ser uma "utopia", em sua acepção literal ("lugar que não existe") e passa a ser uma "utopia" em seu sentido mais profundo: um projeto de organização social que indica a solução de tantos problemas de nosso contexto latino-americano atual. Sobre os questionamentos que a experiência cubana nos levanta, falaremos em outra ocasião.